

SERPENTES GIGANTES

por

AFRÂNIO DO AMARAL

(Diretor do Inst. Butantan, S. Paulo, Brasil (em dispon.),
Fundador do Antivenin Inst. of America, Pennsylvania, E.U.A.)

INTRODUÇÃO

Os centros científicos do Brasil foram recentemente surpreendidos pela notícia, veiculada com todos os requintes de sensacionalismo, do encontro, que na Amazônia se teria ultimamente verificado, de nada menos do que três exemplares de Sucuri cujas agigantadas proporções ultrapassariam todos os limites até agora admitidos pelos zoólogos. E, como se esse tríplice achado pouco significasse, ainda se fazia referência a dois espécimes outros cujo encontro seria apenas mais remoto, embora pouco perdessem êles no avantajado das proporções. Visivelmente, entraram de choro na história. . .

Para plantar convicção no espírito do leitor incauto ou menos versado na técnica dessas manhas, dita notícia vinha precedida da reprodução de ardilosa fotografia em cujo segundo plano apareciam, semi-desvanecidos, os bustos de dois homens que, achando-se aparentemente sentados, foram ali postos com o mal dissimulado propósito de acentuar o contraste entre o tamanho dos seres por tal arte representados.

INTERESSE E CURIOSIDADE

Trata-se de questão sobre que, graças a feliz coincidência, podemos opinar com algum conhecimento de causa. Eis que, tendo passado a infância ao contacto dos deslumbramentos da natureza da Amazônia e havendo, em certa época, coligido material para o Museu Goeldi, nos habituámos desde cedo a interessar-nos por tudo quanto dizia respeito à fauna daquela exuberante região.

Nosso interesse estendia-se mesmo às "histórias de caçador",

tão férteis de passagens inesperadas, e aquilo que com alguma propriedade se poderia classificar como “contos do Sucuri”, essas lendárias narrativas da vida do “Minhocão”, capazes, só pelo exagêro, de explicar o terror sob que vivem muitos dos habitantes daquela zona, tão propícia à disseminação dos mitos e fantasias.

Mais tarde, ao correr de nossos estudos de Medicina e de especialização em Biologia, fomos insensivelmente conduzido à observação mais detida de nossos répteis e, particularmente, das serpentes. E, dentre os ofídios, aquêle que mais de perto conseguiu fixar nossa atenção foi justamente a Sucuriú, já pelo descompasso das proporções, já pela feição ancestral de muitos de seus caracteres anatômicos.

DADOS TAXONÓMICOS

Preliminarmente, cabe-nos situar a Sucuriú na Sistemática Ofiológica, evitando assim qualquer confusão que poderia resultar da incorrecta aplicação dêsse nome vulga.

Tomemos para isso, dentre os diversos sistemas de classificação até agora divulgados, os dois mais interessantes, isto é, o de Duméril & Bibron e o de Boulenger.

1. — Em seu sistema, Duméril & Bibron (*Erpétologie Générale ou Histoire Naturelle Complète des Reptiles*, 11 vols., Edit. Libr. Encyclopédique de Roret, Paris, 1854, vol. 6, pp. 337, 527) colocaram a Sucuriú na secção dos Azemiofídios ou serpentes inócuas e não veneníferas, dotadas de maxilares superiores muito longos e providos de numerosos denticulos sólidos (jamais sulcados ou tubiformes). A essa secção correspondia a família dos Pitonianos, assim especialmente caracterizável: presença de rudimentos de patas traseiras, representados por um esporão de cada lado e acima do ânus; dentes cónicos, pontudos e recurvos, de tamanho crescente até o 2.º ou 3.º e, depois, decrescentes até o derradeiro; maxilares superiores longos, subclaviformes, achatados, anteriormente e estendidos, posteriormente, até além da órbita; pterigóides longos, algo encurvados em êsse e denteados só na metade anterior; serpentes notívagas, dotadas de pupila vertical; ovo-vivíparas. Nessa família seus autores distinguam 2 subfamílias: Holodontes, caracterizada pela presença de dentes pre-maxilares ou incisivos, e representada pela tribo das Pitonídeas, estranha ao continente americano; Aproterodontes, caracterizada pela ausência de tais dentes e divisível em 2 tribus, a saber: Ericídeas, de cauda não-preênsil e estranha ao nosso continente; Boacídeas, de cauda preênsil e aqui representada por diversos gêneros e espécies, inclusive a Sucuriú (gênero *Eunectes*, espécie *murinus*, a que mais tarde se juntou *notaeus*).

Nesse sistema o gênero da Sucuriú se distinguia pela pre-

sença de: escamas dorsais lisas; fossetas labiais ausentes; tampo da cabeça revestido de placas em geral irregulares; narinas estreitas, abertas para cima, de fácil e completa oclusão, o que estaria a denunciar os hábitos aquáticos e a capacidade de imersão da serpente.

2. — Já em seu sistema, Boulenger (Catalogue of the Snakes in the British Museum, 3 vols., Edit. British Museum, Londres, 1893-1896, vol. 1, pp. 71, 115) preferiu situar a Sucuriú diretamente na família das Boídeas, cuja existência está mais de acordo com as regras de nomenclatura. Nessa família, que se superpõe à dos Pitonianos do sistema precedente, a Sucuriú está inclusa na sub-família das Boíneas, que se caracteriza sobretudo pela ausência de osso supra-orbitário e de dentes pre-maxilares. Nesse grupo, o gênero *Eunectes*, a que está ligada a Sucuriú, distingue-se dos demais assim: cabeça mais larga do que o pescoço; cauda preênsil; dentes maxilares e mandibulares de tamanho progressivamente decrescente até o último (traseiro); placa rostral bem ampla; escamas dorsais pequenas e lisas; placas nasais contíguas por trás da rostral. Quanto aos demais caracteres, aqui não citados, correspondem justamente aos que Duméril & Bibron indicaram e foram acima resumidos.

NOMENCLATURA TÉCNICA

Até o ano de 1830, a Sucuriú — a que, consoante as Regras Internacionais de Nomenclatura Zoológica, corresponde a designação específica de *murina*, criada pelo sábio Lineu (Linnaeus) em seu Sistema Naturae (vol. 1, 1758, 10.^a ed., p. 215, Imp. Laurentii Salvii, Holmiae) — esteve ligada ao gênero *Boa* de Lineu.

Sendo, todavia, composto este nome genérico, coube a Wagler (Natürliches System der Amphibien, Edit. J. G. Cotta, München, 1830, p. 167) criar para a espécie *murina* de Lineu o nome genérico *Eunectes*, que desde logo passou a ser adotado por Gray, Fitzinger, Jan, Boulenger e herpétólogos mais modernos.

E, sendo masculino o novo nome genérico, a designação específica *murina* (feminina) passou a *murinus* por imperativo terminológico.

NOMENCLATURA POPULAR

Dos nomes que em profusão o vulgo tem aplicado à espécie *Eunectes murinus* (Lineu, 1758) já nos ocupámos na monografia Biologia e Linguística (prefácio de Afrânio Peixoto, Tip. Edigraf Ltda., S. Paulo, 1945, 150 pp.).

Entre as denominações vulgares por nós arroladas e interpretadas à luz do Tupi-Guaraní se encontram Sucuriú (e as va-

rantes Sucurijú e Sucuriú), Sucurijuba (e a variante Sucuru-juba), Boiuna, Jiboiuçú, Boiçú (e as variantes Boiuçú e Boiguaçú), Boitiabóia, Arigbóia, além de Viborão e Minhocão.

Estes são os nomes ocorrentes na região amazônica e nos distritos nordestinos até o planalto central do Brasil.

Cá para o sul a Sucuriú é conhecida pelo nome contracto (Guarani) de Sucuri e bem assim pelas designações de Curudiú (e sua variante Curutijú) e Ampallagua, as quais se aplicam mais pròpriamente à espécie *Eunectes notaeus* Cope, 1862. Esta é por sinal, de dimensões mais modestas e vive nas bacias do Paraguai e do Paraná.

A ambas as formas dão os anglo-saxões indistintamente o nome de Anaconda.

Quanto ao significado que, à luz de nossos conhecimentos atuais do linguajar de nossos indígenas se pode atribuir aos toponimos supra-assinalados, poderíamos assim resumí-lo:

Sucuri (de çuú + curi) = o que morde depressa.

Sucuriú (de çuucuri + y) = rio da sucuri, isto é, sucuri do rio ou d'água.

Sucurijúba (de çuucuri + yuba) = sucuri amarela.

Boiuna (de m'boi + una) = cobra preta.

Jiboiuçú (de yibói + açú) = jiboia grande.

Boiuçú (de m'bói + açú) = cobra grande.

Boitiabóia (de boitiabói) = cobra cipó ou de chicote (?).

Arigbóia (de ar + yg + m'boi) = cobra que nasce n'água.

Curudiú ou *Curutijú* (de curú + tyju) = espuma na guela (a exprimir talvez a abundância de saliva que se acumula na boca do ofídio ao mastigar suas vítimas).

Às pessoas porventura interessadas na distinção que existe entre a Sucuri (ou Sucuriú, etc.) e a Jibóia cabe-nos lembrar haveremos procurado esclarecê-la, com o apoucado de nossas luzes, no capítulo sobre Toponímia ofídica, às páginas 36-54 da citada monografia (Biologia e Linguística):

DIFERENÇA ENTRE SUCURI E JIBOIA

HISTÓRICO — Acreditamos, aliás, que a respeito destas duas espécies tenha faltado talvez um pouco de conhecimento mais geral a certos escritores antigos e que hajam alguns dos escritores modernos por ventura omitido ensinamentos já clássicos, fornecidos por biólogos de nomeada que da matéria se ocuparam. E' o que tentaremos mostrar.

A) Aparentemente, nossos primeiros escritores, ao ouvirem

dos indígenas (tupis), os nomes dos maiores dos nossos ofídios, confundiram as espécies *Constrictor constrictor* e *Eunectes murinus*, ambas, aliás, pertencentes à família dos Boídeos.

Não há dúvida que, sob exame perfunctório, elas se parecem, tanto assim que, até em Sistemática herpetológica, são colocadas na mesma Sub-família das Boíneas. No entanto, não padece dúvida que os tupis, profundos observadores de nossa Natureza, as distinguiam por certas "particularidades biológicas", dando-lhes nomes diferentes e inconfundíveis.

Assim é que a espécie que em Zoologia se reconhece como *Constrictor constrictor* (forma exclusivamente terrestre, que teme a água em cujo seio rapidamente se afoga, e que nunca se alimenta de rãs ou sapos), chamavam de "Jibóia".

Aqui repetimos o que já escrevemos alhures: o nome "Jibóia" não pôde significar "Cobra-d'água", nem "Cobra-das-rãs", pois não é crível que o nosso incola fôsse atribuir a uma espécie, mormente da importância e da frequência de *Constrictor constrictor*, caráter oposto àqueles que ela realmente possui de maneira tão chocante.

De seu lado, à espécie que em Zoologia se reconhece como *Eunectes murinus* (forma propriamente anfíbia, que gosta d'água, em cujo seio nada e mergulha com facilidade e que é a única a atingir as proporções avantajadas de 10 m. e mais de comprimento), chamavam de "Sucuri" e nomes correlatos.

B) Na narrativa de Gabriel Soares, além dessa confusão de nomes, surge amontoado de lendas, cada qual mais inverossímil e ingênua, senão ridícula, a propósito da *Eunectes murinus*, por êle impròpriamente apelidada de "Jibóia". Entre essas lendas, que não resistem à crítica científica, avultam as seguintes:

1.^a — a inexistência de dentes — quando justamente *E. murinus* (como *C. constrictor* e as demais Boídeas) é dotada de mais de uma centena de dentes fortes e afiados;

2.^a — a introdução do rabo no "sexo" da vítima — ingenuidade que emprestaria à serpente certo grau de inteligência anátomo-topográfica que a ciência lhe nega;

3.^a — a putrefação do ventre repleto para servir de chamariz a urubus — condição teleológica da digestão, que não resiste à crítica mais ligeira;

4.^a — a destruição completa do estômago e das partes moles ambientes, seguida de completa cicatrização — *restitutio ad integrum* que, por mais condescendentes que sejam para com as "maravilhas" da Natureza, os biólogos não podem deixar de considerar como impossível. . .

C) Na nota, a que no Vocabulário da Língua Brasilica es-

tá apensa a relação de nossas “Cobras” ou “Bóias” há disparates de todo quilate.

Assim é que, entre as espécies que matam, surgem a “Boipeva”, que só de terrível possui a qualidade, posta de manifesto pelos inocentes arreganhos de que é bem capaz; a tímida coral “Ibiboca”, de corpo bem liso e igual, a representar as Cascaveis, cujo chocalho tanto os havia impressionado, que os selvícolas as denominavam de “Boicingas”; finalmente, a “Caninana” a caracterizar as “Corais”, numa confusão de formas e de cores, que causa lástima.

Nesta altura, devemos lembrar que um grande naturalista que, além de herpetólogo consumado, era também narrador e linguista de indiscutida reputação, o Príncipe de Wied, em sua obra (Beitraege z. Naturgeschichte v. Brasilien, vol. I, pp. 211 e 226), já havia reposto as coisas em seus lugares. Atribuía êle à espécie terrestre (que chamou de *Boa constrictor*) os seguintes nomes vulgares: “Jibóya” — ocorrente na costa oriental do Brasil; “Kuong-kuong-gipakiu” — entre os Botocudos; e “Ktaia” — entre os Camacãs. Ao passo que à espécie anfíbia (que chamou de *Boa aquatica = Eunectes murinus*) ligou os seguintes nomes vulgares: “Çucuriuba” — usado na costa oriental do Brasil; “Çucuriú” — em Minas Gerais; e “Ketomeniop” — entre os Botocudos.

D) Do estudo crítico desta matéria ressalta à evidência a possibilidade de ter havido confusão entre o velho nome genérico *Boa*, de fonte latina, e a denominação tupi “Jibóia”, confusão que Plínio Ayrosa sentiu e, com igual justeza, combate e condena.

E’ sabido que, por ocasião do descobrimento, da conquista e da colonização do Brasil, as classes cultas de Portugal e do resto da Europa tinham conhecimento do vocábulo *Boa* e de sua aplicabilidade a um grupo de serpentes ou pelo menos a uma de suas espécies. Isto ocorreu, não só por mercê da celebrada Enciclopedia (Naturalis Historia) em 37 volumes, publicada por Gaius Plinius II entre os anos 23 e 79 da era cristã, e em cujo livro 8.º o nome *Boa* surgiu aplicado a serpente legendária, senão também graças ao famoso vocabulário latino (Dictionarius ex optimis quibusque authoribus), de autoria de Ambrosius Calepinus (edição de 1513), e em que, logo após o aperfeiçoamento do prelo por Guttenberg, apareceu o nome genérico *Boa*, assim definido:

“Boa vel bona: serpentis genus vel quod primo bubuli lactis succo alitur; vel quod instar bovis turgeat; seu a voce bovis. Vastat aut ões regiões in quibus habitat”.

Já agora cabem aqui duas digressões, porventura pertinentes à matéria. Uma delas, de ordem linguística, diz com a origem do

vocábulo *Boa*. A outra, de natureza herpetológica, concerne à distinção entre a “Jibóia” e a “Sucuri”.

I. ETIMOLOGIA — Conforme veremos, o nome *Boa* parece ter surgido no latim, através de lenda popular corrente na antiga Lácio, e relacionar-se com os bovinos.

Verossimilmente, sua origem não remonta às fontes grega e sânscrita, nem sua presença se revela em linguas relacionadas com o Latim. E' o que tentaremos mostrar no ligeiro resumo que faremos dos principais trabalhos, traduzindo para o vernáculo o texto original, para maior facilidade do público que nos lê.

Saraiva (N. dicionário latino-português, 8.^a ed., p. 125, Liv. Garnier, Rio-Paris) registra o nome *Boa*, atribuindo-lhe a origem *Bos*. Cita Plinius e define: “Cobra aquática, que gosta de mamar o leite das vacas”. Tratando de *Bos* (p. 154), traduz por Boi ou Vaca, atribuindo-lhe como origem o dórico *Bōs* = *Bou*. Regista também (p. 155) a forma *Bova*, como variante de *Boa*.

Bresslau & Ziegler (Zoologisches Voerterbuch, 1927, p. 102, G. Fischer, Iena) tratam de *Boa* (*Boa constrictor*) como “Espécie de serpente (segundo Plinius) que gosta de sugar bovinos”.

Calepinus (Septum linguarum lexicum latinum, 1778, p. 97, G. Gratti, Veneza) define *Boa*: “Gênero de serpente, que atinge espantoso tamanho, ou que se nutre do suco do leite bovino, ou que se empanturra à semelhança do boi, ou (originado) pelo mugido do boi. — Plinius I. 8, c. 14”.

Embora Ambrosius Calepinus, em seu conhecido vocabulário comparativo (Lingarum novem Romanae, Graecae, Ebraicae, Gallicae, Italicae, Germanicae, Hispanicae, Anglicae, Belgicae dictionarium, 1754, J. Cole, Lugduni), silenciando sobre a ocorrência de *Boa* (ou correlato) em qualquer das oito linguas ligadas ao idioma românico, por êle versadas, houvesse tornado provável a improdutividade da pesquisa, procurámos verificar se no Grego ou no Sânscrito algo surgiria que lembrasse o étimo desejado.

Nem um dos dicionários gregos, inclusive o de Alexandre (Dictionnaire Grec-Français, 24.^a ed., 1901, Libr. Hachette & Cie, Paris), registra qualquer palavra que lembre *Boa*. Neles surgem apenas *Bous* com suas conhecidas acepções de boi, vaca ou touro.

Igualmente improdutiva é a investigação através da lexiogenia de *Bous*, a cujo respeito Curtius, em seu famoso tratado (Principles of Greek etymology, trad. ingl., 5.^a ed., vol. 2, p. 87, n. 644, J. Murray, Londres), assim discorre: “*Bous*” — boi. Sânscrito *gāu-s* (t. *gav*). Latino *bo-s* (t. *bov*)... Cf. Bopp, da raiz *gu* com significado de mugido. Talvez a palavra *gāos*, ou *gaios* o *ergates boūs* em Hesych. e outros lexicógrafos, contenha a velha gutural. Neste caso, corresponde exatamente ao sânscrito *gavajá-s* (*bos gavaeus*) ou ao adjetivo *gav-já-s* = pertinente ao gado. Ain-

da mais, *boub-alo-s* (muito provavelmente por *bou-f-alo-s*) aproxima-se do sânscrito *gav-a-las* = búfalo (Pictet I:332), embora ambos difiram no significado, pois *boubalo-s* e *boubali-s*, em autores mais antigos, exprimiam variedade de gazela. O latino *bûbulu-s*, além disso, é usado como adjetivo". E, pouco antes (p. 86, n.º 642), havia escrito: "*Boe* — chamado, grito, etc. Sânscrito: raiz *gu* (reduplicação *go-gu*) = fazer soar, proclamar (intensivamente, gritar); *gâu-s* = discurso, deusa da palavra. Latino: *boere, bovere, reboare; bovinari*, abusar...". "Como alhures, as palavras latinas concordam em suas iniciais com as gregas. Pela acepção *clamore bovantes* in Ennius (Ann. 571 Vahlen) aproxima-se bem do grego *boân*, cujo *o* é encurtado do *of*, como em *bof-os* = *bovis*".

Dado que já o primitivo Calepinus, em 1513 (cf. citação acima), havia encarado a possibilidade de correlação entre o nome *Boa* e o mugido do boi; e visto que Curtius referiu haver Bopp sugerido a raiz sânscrita *gu*, a significar mugido, como origem de *bous*, demo-nos ao trabalho de consultar essa fonte. Então encontramos o seguinte:

Bopp (Glossarium comparativum linguae sanscritae, 1867, p. 119, Livr. Duemmleriana, Berlim); *Go* — *gô* (nom. *gâus*, talvez da raiz *gá*) 1. m. f. — boi masc. e fem., touro, vaca... (com *gô* — boi, vaca, cf. grego *ga* de *galakt*, que primitivamente significaria "leite vacum" e cujo segundo elemento combina com o latino *lact* e, se não há engano, com o sânscrito *dugdâ* em-vez-de *dukta*, pela mudança do *d* em *t*; *bous*; mudada a gutural por labial: latino *bos, bovis*...); e (p. 126): *Gu* — *gu* — soar, cf. *gu, ku*"...

Não há, portanto, influência provável de qualquer termo sânscrito sobre o latino *Boa*.

CONCLUSÃO — O nome *Boa*, com sua origem e significação fabulescas, parece ter surgido na região romana e ali desaparecido, sem apresentar qualquer conexão com outros vocábulos nas línguas a que o Latim esteve ligado.

Firme-se agora o discri-me entre o significado do termo vulgar primitivo e o conceito da expressão científica moderna. Feito isto, não há onde buscar filiação entre o latino *Boa* e o tupi *Bói, M'Bói*. Pois, segundo mostrou Plínio Ayrosa, ao criticar passagem do Dicionário Etimológico de Antenor Nascentes: "supor "boa" latino, como originário de "mbói" tupi, mesmo que se esqueçam os longos séculos que correram ente o emprêgo de "boa" e o descobrimento da América, se não é tupimania, há de ser confusão lamentável, embora involuntária".

E, neste ponto, estamos concordes.

II. SISTEMÁTICA — Os herpetólogos, em todos os tempos,

mostraram acentuada predileção por nomes legendários: talvez, porquê estivessem sempre às voltas com dragões, serpentes e outros seres tremebundos. Além de *Boa* — serpente monstruosa que mamaria em vacas, preferiam *Python* — ofídio prodigioso, que Apolo teria morto a flechadas; *Lachesis* — uma das Parcas na mitologia helênica: *Cophias*, *Maegera*, *Pareas* e tantos outros.

Tempo houve, em que tais nomes carregavam sua parcela de prestígio. Hoje lhes decaiu a majestade. Obra quiçá da intensa "democratização" por que passa o mundo. Esfacelaram-se, subdividiram-se. Ou caíram na sinonímia, abrindo caminho para o olvido. Tudo, pura obra da ciência, que submete as lendas ao fino crivo da razão e os seres ao devido exame do método comparativo ou experimental.

Ainda sob influência das abusões latinas, os primeiros herpetólogos e sistematas aplicaram o nome *Boa* a certo grupo de serpentes que, feita abstração de outros caracteres, possuem rudimentos bem patentes de membros posteriores.

Tal nome, por mais antigo, sobreviveu, de acôrdo com as Regras de Nomenclatura Zoológica, e serviu de base à designação do grupo, quando mais tarde foi êste considerado como família: *Boidae* (Boídeos). Esta família acha-se subdividida em duas subfamílias, das quais apenas uma (*Boinae*) nos interessa no momento, porquê está principalmente constituída por formas encontradas em nosso continente, a começar pelos dois gêneros, cujos representantes máximos são, respectivamente, a "Jibóia" e a "Sucuri".

Tudo isto, porém, é coisa um tanto nova.

Efetivamente, durante longos anos após o descobrimento do Brasil, ainda estiveram a "Jibóia" e a "Sucuri" confundidas como uma só espécie.

Assim é que o nome "Boiguaçu", que hoje se atribue à Sucuri, foi aplicado à Jibóia, por Piso (Hist. Brasil, 1648, p. 51, 42, fig., Hit. nat. et medic., 1658, t. 5, p. 277, fig.) e por Marcgrave (Hist. Quad. Serp., 1648, t. 7, p. 239).

Entre a primeira metade do século 17 e a segunda do século 18, quando, no ano de 1758, foi inaugurado em nomenclatura zoológica o sistema binário com a 10.^a edição, do famoso "Systema Naturae" de Linnaeus, continuaram a ser oferecidos àquelas serpentes nomes extravagantes na pia batismal do empirismo. Nesse período, à Jibóia foram aplicados os de "*Vipera americana* — por Scheuchzer (Phys. Sacr. 1731, t. 4, p. 1.532, tb. 746, fig. 1); *Serpens americana, maximo in honore...* — por Seba (Thes. Nat. 1734, t. 1, p. 58, tb. 36, fig. 5); *Serpens americana, arborea, singulari artificio picta, magni aestimata* — por Seba (l. cit., t. 1, p. 85, tb. 53, fig. 1); *Serpens Ceylonica spadicea* — por Seba (l.

cit., p. 104, tb. 99, fig. 1); e *Serpens blanda Ceylonica* — por Seba (l. cit., p. 107, tb. 101), etc.

Enquanto isto, era a Sucurí crismada por êstes mesmos autores, assim: *Serpens crassus et colore vertice fusco...* — por Scheuchzer (l. cit., p. 1087, tb. 606, A) e, respectivamente, *Serpens Guineensis* e *Serpens testudinea Americana murium insidiator* — por Seba (l. cit., t. 2, pp. 24, 30, tb. 23, fig. 1, tb. 29, fig. 1). Por onde se vê que até mais de um nome chegou a receber, da mão do mesmo autor primevo, cada uma destas espécies, em chocante desconexão geográfica e ecológica.

Biologicamente já então se distinguíam uma espécie terrestre e outra anfíbia.

Com Lineu acertaram-se as coisas. A terrestre passou a ser especificamente chamada de *constrictor*, enquanto à anfíbia se reservou o nome específico de *murina* (ou *murinus*).

No entanto, durante 72 anos a contar do trabalho de Lineu (1758), ainda continuaram estas duas espécies subordinadas ao mesmo gênero *Boa*. Só em 1830 é que Wagler (*Systema amphibiorum*, p. 167), baseado em mais detido estudo dos caracteres anatômicos e biológicos, separou do gênero *Boa* a espécie *murina*, criando para ela o gênero *Eunectes*. Últimamente, o gênero *Boa* perdeu a espécie *constrictor*, para a qual foi criado o nome genérico *Constrictor*.

CONCLUSÃO — Das duas maiores espécies de Boídeos americanos uma vive na terra firme; é a *Boa* (ou melhor *Constrictor*) *constrictor*. A outra tem predileção pela água onde passa boa parte do tempo; é a *Eunectes murinus*.

E) Assim como aos linguistas coube a tarefa de repôr em seus lugares competentes os nomes populares “Jibóia” e “Sucurí”, delimitando-lhes as fronteiras, reservou-se aos herpetólogos o trabalho de diferenciar as duas espécies dentro dos rígidos limites da sistemática zoológica.

Naturalmente que a mero linguista não seria dado penetrar na essência da análise zoológica então em marcha, nem a simples zoólogo era dado discernir as filigranas da investigação filológica, que cheiravam a gramática... E gramática, no entender de muitos biólogos, pode ser comparada, segundo ainda recentemente dizia o consagrado mestre Clementino Fraga (“*Medicos educadores*”, 1941, p. 26, “A Noite Editora”, Rio), em seu estilo elegante e enfeitado, a “senhoras roteadas pelo tempo e veneradas à distância, de olhares tempestuosos, angulosas a preceito, verticais e desnalgadas, sem o consôlo de uma linha curva; senhora de virtudes ancestrais e preclaras, com credenciais de sacristia e estágio de mosteiro...”.

Certo dia, chegou a vez de naturalista, forrado de filólogo,

examinar o assunto, superpôr o trabalho de um ao do outro grupo e concluir pela distinção das duas espécies: esta glória coube ao Príncipe de Wied, conforme mostrámos acima. Desde 1825 se fixaram o nome vulgar Jibóia para a espécie terrestre *C. constrictor* e a designação popular Sucurí para a espécie anfíbia, *E. murinus*.

F) Para terminar, devemos esclarecer que, já no século passado, dois notáveis herpetólogos se haviam referido ao caráter legendário de *Boa*. Foram êles Daudin e Duméril.

Daudin em sua "Histoire naturelle des reptiles" (1803, vol. 5, p. 106), assim se exprimiu:

"Os antigos fizeram menção, em seus escritos, a serpentes monstruosas. Plínio, Herodoto, Diodoro de Sicília, Heliano e Aristóteles deram mesmo alguns pormenores sôbre a extrema voracidade dêsses animais, cujo desmedido tamanho foi contradito por alguns naturalistas modernos mas sem prova alguma evidente... Sem me deter aqui em citar extratos de tudo que os viajantes têm escrito, só observarei que já está provada a existência de serpentes de trinta a quarenta pés de comprido, as quais podem engulir quadrupedes. Alguns naturalistas acreditaram que o nome *Boa* ou *Boua*, dado a êstes grandes animais por Plínio, provém de que êles podem engulir bois ou sugam o leite das vacas"...

Duméril, em sua "Herpétologie générale" (1844, vol. 6, p. 500) preparada com a colaboração de Bibron, escreveu, de seu lado:

"*Boa* — nome latino de uma grande serpente, empregado por Plínio, lib. VIII, cap. 14, com êste preconceito: "Boae aluntur bubuli lactis succo, undi nomen traxere (as Boas alimentam-se do suco do leite bovino, donde tiraram o nome). Esta denominação por Johnston, Ruysch, Aldovrando, foi igualmente empregada por Lineu, Laurenti e a mór parte dos naturalistas; nela, porém, é, segundo Wagler, que as espécies estão reunidas genericamente. Tôdas são americanas e não podiam ser conhecidas no tempo de Plínio".

E, tratando da capacidade de sucção (p. 157), esclareceu:

"Quanto à faculdade atribuída às serpentes de poderem sugar as tetas dos animais, e particularmente as dos ruminantes, — o que se lhes atribue em geral no interior, imputando-lhes, ao demais, por preconceito popular, uma espécie de ação maléfica tal, que, depois dessa sucção a que os mamíferos se prestariam, diz-se com complacência, as vacas e as cabras perderiam o leite — para ficar

convencido do pouco fundamento dêste preconceito e mesmo da impossibilidade dessa ação basta que o naturalista, por pouco que haja estudado fisiologia, reflita sôbre as circunstâncias da organização que só aos mamíferos permitem fazer o vácuo na bôca e operar a sucção ao mamarem. Essa operação, com efeito, exige muitas condições que não ocorrem ou de todo faltam nas serpentes. Primeiro, é mistér que a cavidade bucal possa cerrar-se em tórno do mamilo, à frente e aos lados, por lábios moles e carnosos; depois, que ela não comunique diretamente com as narinas ou com a glota, pois êstes 3 "orifícios" se corespondem na retro-boca; e, por fim, que haja um véu palatino para poder obturá-la para trás. Pois bem: tôdas estas circunstâncias faltam nas serpentes..."

LENDA E REALIDADE

Aliás, para bem dizer, o interêsse por esse curiosíssimo réptil pode considerar-se geral entre os biólogos. Pela Sucuriú da região neotrópica e pelos ofídios muito afins, os Pitões, da Indo-malaia.

Ainda mais: a preocupação pelo tamanho dessas serpentes, a curiosidade de conhecer o comprimento máximo que podem atingir, já extravasou os círculos restritos dos especialistas; alastrou-se por entre os leigos e, no meio dos norte-americanos, sempre inclinados a pensar em termos de "record", tem chegado ao ponto de suscitar a constituição de prêmios especialmente destinados ao registro do exemplar que, excedente de certa medida, fôr comprovada e documentalmente capturado, vivo ou morto, conforme a seu tempo se verá. Digno de nota é que essa tendência surge mesmo entre as classes cultas nos Estados Unidos. Pois temos tido ensejo de regista-la pessoalmente durante os cursos que ministrámos a médicos e estudantes universitários e nas conferências e palestras que realizámos quando da organização dos serviços anti-ofídicos na grande República irmã. "How big was the biggest Anaconda you have ever seen?" eis a pergunta que amiude ouviámos de muitos interessados.

Essa curiosidade pelo descomunal parece-nos ser o resquício, o eco, muito diluido através das idade, que, nos tempos modernos, lembra o interêsse, o medo do sobrenatural entre os povos. Ou, para usar as palavras do cultíssimo Afonso de Escagnolle Taunay, em sua Zoologia Fantástica do Brasil (Ed. Comp. Melhoramentos, São Paulo, 1934, p. 8):

"Da profundeza dos milenários ancestrais da humanidade das cavernas persistia, presa à alma das gerações, a noção da existência de seres monstruosos, reflexos do subconsciente atávico contemporâneo dos anos em que o homem, a todo o instante, precisava defender a vida, daquelas feras enormes hoje extintas, como o leão *machairodus* ou o urso *speleus*. E formas zoológicas vulga-

res das épocas em que o débil animal vertical assistia, assombrado, à passagem, dos rebanhos dos mamutes imensos e dos auroques colossais. Daí a tendência a sempre imaginar as terras desconhecidas, povoadas pelas bestas gigantescas em fôrças e dimensões ou de extravagantíssimos aspectos, ameaçadoras contínuas da vida da espécie, ainda muito longe de vir a ser a senhora absoluta do Universo”.

Seja qual fôr a explicação cabível, terror de origem atávica ou história apavorante transmitida de pessoa a pessoa, o certo é que de quando em quando se remostra o interêsse pelo tamanho da Sucuri. Até livros escritos por técnicos de escol e publicações de cientistas consagrados ressumbram o atrativo que desperta tal assunto.

CONTRIBUIÇÕES RECENTES

Para limitar, por enquanto, nossa dissertação aos últimos vinte e cinco anos, poderíamos lembrar que, por ocasião da organização do “Antivenin Institute of America”, dois emeritos herpetológicos que conosco colaboravam de perto nesse serviço, o prof. Thomas Barbour e o dr. Raymond Ditmars, coligindo dados gerais sôbre os ofídios, procuraram obter nossa impressão pessoal sôbre as notícias referentes à Anaconda.

O prof. Barbour, diretor dos Museus Agassiz e de Zoologia Comparada da Universidade de Harvard e do Jardim Botânico de Cienfuegos em Cuba e organizador da Estação Biológica Tropical na Ilha de Barro Colorado no Canal do Panamá, após ter viajado pelas regiões mais interessantes do mundo, realizando memoráveis excursões, cujos resultados constam de inúmeras e alentadas publicações, dedicou um capítulo inteiro de livro que então publicou (*Reptiles and Amphibians, their habits and adaptations*, Ed. Houghton Mifflin Co. Boston, 1926) à questão do tamanho dos maiores reptéis. A propósito da Sucuriú escreveu (p. 11) o seguinte:

“Difícilmente se pode acreditar nas histórias de viajantes que dizem ter visto na Amazônia serpentes com quarenta a sessenta pés de comprimento”. “Tais ofídios talvez atinjam o máximo relatado de 14 metros (46 pés). É duvidoso possa esse tamanho ser jamais excedido. Um exemplar dessas proporções foi crivelmente referido ao dr. Afrânio do Amaral, principal autoridade na America do Sul. Nenhum espécime assim avantajado jamais foi realmente conservado”. “Observei um Pitão Malaio de 29 pés de comprimento e outro de 27 pés”. “Charles Meyer, colecionador profissional de animais vivos, é indicado como tendo capturado no Estado de

Negri Sembilan na Malaia, e levado vivo para a Europa, um Pitão de 32 pés de extensão”.

De seu lado, o dr. Ditmars, chefe da Secção Herpetológica do Bronx Park de Nova York e apreciado divulgador desses assuntos na America do Norte, em sua monografia ilustrada (*Snakes of the World*. Ed. Macmillan Co., New York, 1931, p. 36) assim se manifestou:

“Durante minha viagem à América do Sul (1925) tive ocasião de colher informes diretos de fontes autorizadas sôbre os “records” de Anacondas e considero ser opinião unânime de que o comprimento desta serpente chega a 25 pés (máximo). Convém estabelecer bem estes dados, pois há inúmeras histórias, oriundas de aventuras pelo interior e referidas em livros de autores fidedignos, acêrca de serpentes de 40 e 50 pés.

Tantas vezes ouvi de exploradores a assertiva de terem sabido de Anacondas de 50 pés e de haverem medido peles enormes — que poderiam ter obtido mas não no fizeram, — que tratei de divulgar o oferecimento pôr mim efetuado, de premiar com mil dolares qualquer pele de Anaconda com mais de 40 pés de comprimento”. E na edição de 1943, acrescentou: “Tal pele até hoje não apareceu”. “No entanto, bem recentemente, o meu amigo, dr. Afrânio do Amaral, diretor do Instituto Soroterápico de São Paulo, Brasil, transmitiu-me dados sôbre uma Anaconda cujo comprimento excedia de algumas polegadas os 25 pés”.

Envolvido por tal arte na controversia, resolvemos aprofundar nossa pesquisa e dilatar o inquérito que, muito moço, iniciáramos. E afinal conseguimos obter do maior de nossos geógrafos, do homem que, com a máxima autoridade científica, talou os nossos sertões e percorreu as selvas amazônicas, a confirmação do seguinte informe que divulgamos recentemente no livro “Animais Veneniferos, Venenos e Antivenenos”, (Ed. Caça e Pesca, S. Paulo, 1945, p. 57):

“Segundo o testemunho do grande sertanista, general Cândido Rondon, em suas expedições pelas terras de Mato Grosso e Amazonas, através das quais estendeu as primeiras linhas telegráficas para pô-las em comunicação com o resto do Brasil e trazer ao contacto dos civilizados muitas tribos de índios, a Sucuri, vivendo imperturbada naquelas longínquas paragens, atingia enormes dimensões. Ali este notável geógrafo chegou a observar e medir em palmos um exemplar que tinha mais de 12 metros de comprimento (talvez 14 metros), segundo a variação do palmo do medidor”.

Essa extraordinária serpente medira cêrca de 55 palmos.

Mas, dir-se-ia porventura, esses dados referem-se a exemplares de Sucuriú, coligidos recentemente ou pelo menos no século

atual, quando a marcha progressiva e destruidora da civilização provavelmente já deu cabo dos ofídios que, por demasiado conspícuos ou temidos, foram encontrados por esse Brasil a dentro.

Busquemos, pois, outras luzes nos documentos que nos ficaram dos tempos da conquista.

ACHEGAS ANTIGAS

Nos trabalhos dados à publicidade pelos exploradores e viajantes que nos visitaram, tomando contacto com a fauna ou a flora brasílica, no decurso do meio século subsequente ao descobrimento, pouco ou nada se colhe de proveitoso no particular.

Apenas em um se depara alusão a serpente identificável com a Sucuriú. E' na "História verdadeira de uma viagem curiosa... pelo Brasil, Rio da Prata, desde o ano de 1534 até 1554", escrito pelo aventureiro bávaro Ulrich Schmidel, que alegou ter visto um Minhocão capturado na região do rio Paraná. Esse exemplar teria de diâmetro para cima de 2,30 m.! Se non é vero...

Já nos dois últimos quartéis do século os informes adquirem maior precisão, quando não descambam igualmente para o terreno da fantasia.

É o que decorre da seguinte resenha bibliográfica. As primeiras alusões ao tamanho e às particularidades biológicas da Sucuriú datam realmente da segunda metade do século XVI. Já se encontram em uma das famosas Cartas dos Padres da Companhia de Jesus relativas ao Brasil. A' folha 85 do livro de registo desses documentos consta o relato que em latim Joseph de Anchieta ofereceu "ao Padre Geral, de São Vicente, ao último de maio de 1560". Nesse trabalho, que passou a chamar-se "Carta de S. Vicente" e conforme se lê às pp. 111-112 do vol. II (História) das Publicações da Academia Brasileira de Letras (Coleção Afrânio Peixoto-Biblioteca de Cultura Nacional. Notas de Antônio de Alcantara Machado. Ed. Civilização Brasileira, Rio, 1933), assim se manifesta Anchieta:

"Encontram-se no interior das terras, cobras a que os índios denominam "Sucuryuba", de maravilhoso tamanho; vivem quase sempre nos rios, onde apanham para comer os animais terrestres, que a miúdo os atravessam a nado; saem porém às vezes para terra e os acometem nos atalhos, em que costumam correr daqui para ali. Não é fácil acreditar-se na extraordinária corpulência destas cobras; engolem um veado inteiro e até animais maiores; isto tem sido observado por todos; alguns dos nossos irmãos o viram com espanto e até um deles, vendo uma serpente a nadar no rio, pensou que era um mastro de navio. Dizem que não têm dentes e só se enroscam nos animais, matam-os introduzin-

do-lhes a cauda pelo ânus, e, triturando-os com a boca, os devoram inteiros. A este respeito contarei coisas estupendas e não sei se serão críveis; mas, tanto os índios, como os portugueses que passaram muitos anos de sua vida nesta parte do globo, *uno ore*, as afirmam. Estas cobras engolem, como disse, certos animais grandes, que os índios chamam "tapiiara", de que tratei ao diante; como, porém, o seu estômago não os pode digerir, caem por terra como mortas, sem poderem mover-se, até que apodreça o ventre juntamente com a comida; então, as aves de rapina rasgam-lhes a barriga e a devoram toda com o seu conteúdo; depois a cobra, disforme, meio devorada, começa a reformar-se, crescem-lhe as carnes, estende-se-lhe por cima a pele, e volta à antiga forma".

Pois bem. Em comentário que a pedido de Afrânio Peixoto e de Antônio de Alcantara Machado e para testemunho de nossa velha estima a essas duas figuras ímpares de nossa literatura e história, escrevemos especialmente para a citada publicação, fomos levado a reduzir às devidas proporções esse passo do relato de Anchieta. Eis o parecer que exarámos à luz dos ensinamentos da Biologia:

"A "Sucuriuba" é dotada de 4 séries de afilados e recurvos dentes na parte superior da boca e de 2 na inferior. As 4 séries superiores são formadas de 68 dentes, distribuidos pelos 2 maxilares e pelo par palatino-pterigoídeo; as inferiores são constituídas por 34 dentes insertos na mandíbula direita e esquerda. Todos esses dentes diminuem de tamanho para o fundo da boca, para onde também são dirigidas todas as pontas. Esta orientação dos dentes, que se encontra em todos os ofídios, serve, na defesa das espécies, ao duplo fim de apreensão fácil da vítima e sua melhor retenção: a presa (vítima), quanto mais tenta escapar, mais profundamente fica implantada nos dentes da cobra. A suposta ausência, referida por Anchieta, deve ser, não de dentes propriamente ditos, pois a "Sucuri" tem ao todo 102 dentes, mas de presas chanfradas, ou ocas, que no Brasil só ocorrem, respectivamente, nas Corais, verdadeiras e nas Crotalídeas".

Ao que eu tenha observado, a "Sucuriuba" não introduz a cauda pelo ânus da vítima para matá-la. A informação no particular deve ser lendária, pois esta espécie causa a morte dos animais por simples enroscamento ou constrição progressiva, partindo-lhe os ossos, desconjuntando-os e estourando-lhes o ventre e o tórax. Desta forma consegue reduzir-lhes rapidamente a grossura ou diâmetro transversal e engulí-los com facilidade".

"O apodrecimento do ventre da "Sucuriuba" alimentada e a consequente intervenção das aves de rapina parecem-me deturpação fantástica do longo período digestivo, que se caracteriza por extrema imobilidade do réptil. O processo de reparação tecidual

assinalado não é possível, pois a cicatrização entre os ofídios é sempre muito precária, imperfeita e seguida de deformações mais ou menos profundas”.

Aliás é de justiça reconhecer que o grande jesuita parecia não homologar tôdas essas informações, ou lhes não tomar a inteira responsabilidade. Atente-se às restrições que fazia aqui e ali no trecho citado, usando as expressões “dizem” e “os índios como os portugueses... as afirmam” e poder-se-á sem favor admitir a validade de parte do relato anchietano. Certo, observações subsequentemente realizadas comprovaram, não sòmente os hábitos anfíbios da Sucuriú, senão sua capacidade de dar a caça a veados e capivaras que consegue deglutir depois de os ter reduzido a massa informe por sucessivos enroscamentos e amarrilhos.

Devemos agora acrescentar que a maneira, divulgada por Anchieta, de matar a Sucuri as suas vítimas peca pelo excesso de fantasia, de vez que implicaria em conhecimento de pormenores anatômicos inexistente entre os répteis ou nos animais inferiores em geral.

A fôrça de imaginação, posta ao serviço da atração da narrativa nesse trecho delicioso, seria para estranhar caso proviesse da pena de qualquer biólogo, mas não em carta de piedoso catequista ou de algum escritor leigo. Pois, a propósito de lendas sôbre peculiaridades de serpentes, cumpre lembrar que personagens do porte de Shakespeare e de Milton atribuíram as mais disparatadas interpretações ao mecanismo da picada venenífera. Apenas com uma pequena diferença: enquanto, no conceito do autor do “Sonho de uma noite de verão”, a picada consistiria realmente em “ferroada” produzida pela lingua bífida dos ofídios, no opinar do inspirado cantor do “Paraiso perdido”, a lesão seria determinada pela ponta da cauda... O que, na verdade, tiraria a originalidade das histórias relativas ao empeçonhamento causado pelas serpentes-corais e contadas no litoral catarinense pelos barrigas-verdes: Na autorizada opinião dêstes patrícios, os Elapídeos morderiam durante seis meses com a boca e durante outros seis meses com a cauda...

Todavia, não desejamos alongar-nos nessas digressões, mas ater-nos ao objetivo principal dêste artigo. Aos leitores porventura desejosos de passar alguns momentos de prazer comprazendo-se com a crítica dessas extravagâncias técnico-literárias, aconselharíamos a leitura do recentíssimo trabalho de Bergen Evans — “The Natural History of Nonsense. Ed. Alfred A. Knopf, New York, 1947, 245pp.

Pouco tempo passou, que dêsse mesmo assunto se ocupasse Gabriel Soares de Sousa em seu justamente famoso Tratado Descritivo do Brasil. Nessa verdadeira e alentada monografia, escri-

ta em 1587 sôbre coisas de nossa terra vistas à luz da ciência corrente no próprio século do descobrimento, Gabriel Soares dedicou nada menos de dois capítulos à Boiuna, conquanto lhe tivesse a princípio aplicado nome incorreto, de que resultou confusão com outra espécie de ofídio, a Jibóia.

Dessa obra existem diversas edições. Delas a mais recente e completa corresponde ao volume 16 da Biblioteca Histórica Brasileira, preparada sob a direção de Rubens Borba de Moraes (Ed. Livraria Martins, S. Paulo, 1945, 2 tomos, 346 + 339 pp., além de índices). Nessa edição fidedigna, a introdução, comentários e notas foram escritos com profundo espírito crítico por nosso mestre, M. Pirajá da Silva, o qual vai para 12 anos, foi um dos mais eficientes colaboradores que tivemos na obra de modernização científica que tentámos no Instituto Butantan.

Para a nova edição do trabalho gabrielino foi com razão preferido o título "Notícia do Brasil". O capítulo CIX versa realmente sôbre a "*Eunectes murinus*" (designação científica do Sucuriú e cujo primeiro termo, o genérico, significa "Bom-nadador"), embora chamando-a Jibóia.

Pelo seguinte passo já se percebe que, sem embargo de se ter visivelmente baseado em informes hauridos na Carta de Anchieta ou pelo menos procedentes da mesma fonte, Gabriel Soares deixou que sua pena escorregasse ao influxo da imaginação. Passou a endossar certos contos de pura fantasia que por aquela época já circulavam, mercê dos "linguas", entre os ádvenas das novas terras da corôa de Portugal:

"Comecemos logo a dizer das cobras a que os índios chamam giboias, das quais há muitas de cinquenta e sessenta palmos de comprido, e daqui para baixo. Estas andam nos rios e alagoas, onde tomam muitos porcos d'água, que comem; e dormem em terra, onde tomam muitos porcos, veados e outra muita caça, o que engolem sem mastigar, nem espedaçar; e que não há dúvida senão que engolem uma anta inteira, e um índio; o que fazem porque não têm dentes, e entre os queixos lhe moem os ossos para o poderem engolir. E para matar uma anta ou um índio, ou outra qualquer caça, cingem-se com ela muito bem, e, como têm segura a presa, buscam-lhe o sesso com a ponta do rabo, para onde o metem até que o matam o que têm abarcado; e, como têm morta a caça moem-na entre os queixos para a poder melhor engolir. E como tem a anta, ou outra coisa grande que não pode digêrir empanturra de maneira que não podem andar. E como se sente pesada, lança-se ao sol como morta, até que lhe apodrece a barriga e o que tem nela; do que dá o faro logo a uns passaros que se chamam urubús, e dão sôbre ela, comendo-lhe a barriga com o que tem dentro, e tudo o mais, por estar podre; e não lhe deixam senão o

espinhaço, que está pegado na cabeça e na ponta do rabo, e é muito duro; e como isto fica limpo da carne tôda, vão-se os pássaros; e torna-lhe a crescer a carne nova, até ficar a cobra em sua perfeição; e assim como lhe vai crescendo a carne, começa a bulir com o rabo, e torna a reviver, ficando como dantes; o que se tem por verdade, por se ter tomado disto muitas informações dos índios e dos linguas que andam por entre eles no sertão, os quais o afirmam assim”.

Desse ponto em diante de sua narrativa, Gabriel Soares, sob o estímulo da fantasia, transcreve histórias de caçador, que lhe foram contadas, seja por um lingua, de nome Jorge Lopes, almoxarife da capitânia de São Vicente, seja por vaqueiros do curral de Garcia de Avila, na Bahia.

E no capítulo seguinte (CX) retoma a descrição da Sucuri, a que aplica, aliás já agora com propriedade, duas outras designações toponímicas:

“Sucuriú” é outra casta de cobras que andam sempre na água, e não saem à terra; são mui gandes, têm as escamas pardas e brancas, das quais matam os índios muitas de quarenta e cinquenta palmos de comprido. Estas engolem um porco d’agua, cuja carne os índios e alguns Portugueses comem, e dizem ser muito gostosa.

Boiuna é outra casta de cobras, que se criam na água, nos rios do sertão, as quais são descompassadas de grandes e grossas, cheias de escamas pretas, e têm tamanha garganta que engolem um negro sem o tomarem, entanto que quando o engolem ou alguma alimaria, se metem na água para o afogarem dentro, e não saem da água senão para remeterem a uma pessoa ou caça, que nada junto ao rio; e se com a pressa com que engolem a presa se embaraça e peja, com o que não pode tornar para a água donde saiu, morre em terra, e sai-se a pessoa ou alimaria de dentro viva; e afirmam os linguas, que houve índios, que estas cobras engoliram, que estando dentro de sua barriga, tiveram acôrdo de as matar com a faca que levavam dependurada ao pescoço, como costumam”...

A estes trechos da “Noticia do Brasil” já havíamos oferecido, em nosso já citado livrinho “Biologia e Linguística” Imp. Edigraf Ltda., S. Paulo, 1945, 150 pp., p. 42), os devidos reparos.

A êsses nossos próprios comentários poderíamos agora aduzir o seguinte: Conquanto em exemplar excepcionalmente grande de Sucuriú o estômago dilatado ao máximo, possa conter um índio, não se compreende como essa vítima seja deglutida sem se deformar, sem ficar desconjuntada, de vez que a cabeça e as fauces do ofídio são realmente muito estreitas, ao contrário do que diz Gabriel Soares. Ante o conhecimento que hoje se possui da anatomia

dêsse ofídio, não se pode admitir a possibilidade de um índio ser deglutido ainda com vida e chegar-lhe ao estômago ainda em condições físico tão boas, que venha a fazer uso de faca para romper as entranhas da serpente e delas escapar...

Depois dessas fantasiosas narrativas como que serenou, durante anos a fio, o interêsse pela Sucurijú. Ou passou a exercer-se veladamente a porfia pelo achado de exemplares que confirmassem os dados trazidos à luz pela obra de Gabriel Soares.

No século XVII foram divulgadas algumas informações que reduziam o tamanho dessa serpente a proporções mutíssimo mais modestas. Devemo-las à pena de Jorge Marcgrave, colaborador do conde Mauricio de Nasau, e autor da "História Naturalis Brasiliae" (Ed. F. Hackium & L. Elzevirium, Leyden & Amsterdão, 1648, 8 livros + apêndice). À p. 239, livro 5.o, capítulo XIII dessa obra famosa, que em 1941 Afonso Taunay, ainda na direção do Museu Paulista, houve por bem mandar traduzir para o português e publicou com oportunas notas e comentários, encontram-se dados concretos sôbre as dimensões de pelo menos 4 exemplares de Boi-Guaçu identificáveis com a "*Eunectes murinus*".

Os exemplares que Marcgrave observou e mediu e cujo colorido é idêntico ao da Sucuri, apresentavam o comprimento máximo de 2m.60. Da correspondente descrição consta o seguinte: "Em cada maxila, que também era duplicada, havia uma dupla ordem de dentes. Estes são muito agudos, um tanto curvos, semelhantes aos dentes de pentes, de côr branca como a madrepêrola polida. Esta serpente é chamada pelos indigenas "Boi-guaçu", isto é, grande; vi uma que enguliu uma cabra inteira. Essas serpentes não são venenosas e sua carne serve para se comer".

Com a obra de Marcgrave, aliás, é que se iniciou o periodo verdadeiramente científico dos estudos de zoologia em nossa terra.

No século XVIII pouco ou nada se escreveu sôbre a Sucuri, seus hábitos e tamanho.

Já no comêço do século XIX surgiram os tratados escritos por Schneider — "História Amphibiorum nat. & lit. f. 2" (Ed. Fr. Frommann, Jena, 1801), Latreille — "Histoire Naturelle des Reptiles". 1802 e Daudin — "Histoire Naturelle g. & p. des Reptiles", 1803, nos quais ocorrem breves referências a exemplares conservados em museus.

Surgem mais tarde os trabalhos de Schlegel — "Physionomie des Serpents (Essai sur la)" — 1837, Duméril e Bibron — "Erpétologie Générale" — 1844 e Jan — "Iconographie Générale des Ophidiens" — 1864, que se limitam a descrever pequenos espécimes mantidos em coleções européias ou a citar as observações feitas pelo Príncipe de Wied, pois a monografia escrita por Spix e

Martius — "Reise in Brasilien in den Jahren 1817 bis 1820" é omissa quanto a pormenores fidedignos.

Foi realmente a obra de Maximiliano, príncipe de Wied-Neuwied, a que maiores esclarecimentos científicos trouxe à luz sobre a nossa Boi-uçu. Seja em sua "Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817" (Ed. Broenner, Frankfurt, 1820, 2 vols.), seja nas "Beitraege zur Naturgeschichte von Brasilien (Ed. L. I. C., Weimar, 1826, 3 vols.) ou no volume de gravuras, intitulado "Abbildungen Naturgeschichtes Brasiliens" (Ed. idem, Weimar, 1822-1831), ocupou-se, o príncipe, com certos pormenores, dos hábitos e particularidades da vida da Sucuri.

No tocante ao tamanho do ofídio, referiu-se ele, no 1.º trabalho (Reise), a exemplares "de 20 a 30 pés e até mais de comprimento". No 2.º trabalho (Beitraege) informou ter visto espécimes de 20 pés de extensão e acrescentou que em coleções européias se podiam encontrar exemplares de até 30 pés, embora nenhum jamais houvesse igualado os 40 pés que no Brasil se alegava poderem atingir, em lugares incultos e desabitados, as Sucuris não mais idosas. Finalmente, no texto do volume das gravuras (Abbildungen) e na síntese que fez das publicações pre-citadas, ratificou os informes relativos à biologia e comprimento do nosso maior réptil.

Cumpramos agora assinalar que em uma das magistrais notas com que procurou esclarecer numerosos passos da edição brasileira de "Reise nach Brasilien" (Viagem ao Brasil, tradução de E. Süsssekind de Mendonça e F. Poppe de Figueiredo. Col. Brasileira, Bibl. Pedagógica Brasileira, Ed. Cia. Editora Nacional, S. Paulo, 1940), O. M. de Oliveira Pinto teve ensejo de assim se manifestar (p. 255):

"As dimensões máximas verificadas com satisfatória precisão, em exemplares muito raros aliás, não ultrapassam 12 a 13 metros de comprimento. O incoercível pavor que inspiram as sucuris em todo o interior do Brasil, onde são mais temidas do que as onças, explica o exagêro que atribui, não de raro, dimensões gigantescas a individuos de modestas proporções".

Na última década do século passado surgiram o trabalho de Alfred E. Brehm ("Brehm's Tierleben" Ed. Bibliogr. Institut Lipsia & Viena, 10 vols., 1892) e a monumental monografia de George A. Boulenger ("Catalogue of Snakes", Ed. British Museum of Natural History, 3 vols., 1893-1896) nos quais surgem referência a Sucuris de até 9 e 10 metros de comprimento.

Há pouco tempo o conhecido zoólogo patricio Rodolfo von Ihering, resumindo observações colhidas em muitos anos de proficua atividade, através das páginas do "Dicionario dos Animais do Brasil" (in Boletim da Agricultura, S. Paulo), escreveu:

“Temos notícia exata a respeito de uma sucuri de 11 m.,28 de comprimento”.

E o infatigável Vital Brasil, em sua apreciada “La Défense contra l'Ophidisme”. (Ed. Pocaí-Weiss & C., S. Paulo, 1914, p. 42) assim se manifestou:

“A Sucuri pode alcançar grandes dimensões: os maiores exemplares atingem 10 metros de comprimento”.

CONCLUSÃO PARCIAL

Desta rápida análise bibliográfica resulta que, desde a época do descobrimento até nossos dias, não se conhece relato fidedigno do encontro de qualquer Sucuri que, tendo sido realmente medida, revelasse comprimento superior a 10 ou 12 (e, eventualmente, 14) metros.

“CONTOS DA SUCURI”

“A onda de interesse que se percebe entre nós atualmente pelo tamanho da Sucuri parece ter-se originado de artigo escandaloso que certos jornais reproduziram em diversas cidades do Brasil, revivendo história velha, de 13 anos, que se difundiu desde Manáus. É o caso de haver por volta do ano de 1935, aparecido em diário daquela cidade a narrativa do encontro de descomunal exemplar dessa serpente por alguns homens a serviço da Comissão Brasileiro-Colombiana de Limites.

Tempos depois, apareceu, no numero de dezembro de 1942 da revista “Fauna”, outro artigo sobre o mesmo caso. Já agora o autor era Eurico Santos, cujos trabalhos costumam ter como louvável objetivo a popularização de estudos zoológicos. Dessa feita tratou ele de reproduzir o texto do artigo primitivo do jornalista amazense, juntamente com a fotografia, então publicada, de uma Sucuri que corresponderia ao exemplar que teria sido morto pelos homens da Comissão de Limites.

Dizemos de propósito “corresponderia”, pelas seguintes razões:

1.^a) A descrição do articulista inicial peca pelo excesso de imaginação. Está eivada de informes inverossímeis, tais como: a destruição de árvores etc. na fase de reação do ofídio ferido; a formação de “coluna monstruosa de 8 a 10 metros” pelo corpo da serpente, prestes a cair com estrondo; o luzimento dos olhos, quais duas tochas, a exprimirem a dor e a raiva do animal baleado.

2.^a) Dessa mesma descrição consta haverem os atacantes da Sucuri “avaliado” apenas o comprimento dela, de maneira demasiado imprópria e enganosa e que eles “bateram algumas chapas fotograficas, que se não sabe mais por onde se encontram”. Tex-

tualmente. No entanto, o artigo apareceu (e agora vem sendo reproduzido) ilustrado com a fotografia que dizia representar esse próprio exemplar, com a circunstância de trazer a legenda "Foto do autor"...

3.^a) Ninguém tratou de salvar o corpo do ofídio ou sequer a pele para documentação dos dados que passaram a ser atribuídos a tal Sucurí (comprimento — mais de 30 metros; grossura em diâmetro — 60 centímetros; pêso — mais de 2 toneladas).

O curioso é que esses algarismos passaram também a ser aumentados com o tempo, como se a Sucurijú morta continuasse a crescer e a engordar... Assim, em gravura que hoje corre por este Brasil afora, certa firma de Manaus conseguiu tirar proveito daquilo que Pitkin tão bem define em seu alentado livro "A short introduction to the history of human stupidity". E tirou proveito, juntando à mesma fotografia do tal ofídio a legenda: Pêso — 5 toneladas. Diâmetro, 80 cms., Comprimento — 40 mts. — Sucurijú gigante — Amazonas. Bazarfoto — Manáus".

Bem diz o povo: quem conta um conto aumenta um ponto. Ou muitos pontos.

Felizmente, Eurico Santos conseguiu pôr a salvo sua reputação, ratificando o parecer que alhures exprimira, a saber: "rigorosamente verificado, não se conhece exemplar algum que passe de 12 metros".

Mas o caso não ficou só nisso. Mal se lhe iam apagando os ecos, eis que ressurgem, revigorados. Revigorados e multiplicados.

Consoante notícia que há pouco foi divulgada nesta Capital e onde o fantasmagórico do relato corre parelhas com o inexato da minúcia, outras Sucurijus descomunais teriam ultimamente sido mortas na Amazônia.

SUCURIUS DO NORTE

A primeira delas haveria aparecido nas proximidades do forte Tabatinga. O forte erguer-se-ia numa das margens do rio Oiapoque e, pois, na fronteira com a Guiana Francesa... E reza a descrição do jornal:

"Já o sol declinava... quando os soldados que estavam jantando, ouviram um barulhar intenso que partira do pequeno pôsto onde estavam estivadas as canôas e as lanchas. Um vergastar violento sacudia as águas e não tardou que fragmentos dos barcos voassem pelos ares, fazendo com que todos acorressem para verificar o que se passava".

E que se passava? Nada menos de que isto:

"uma cobra gigantesca, imensa, aterrorizante, estava despedaçando tudo em sua fúria cega".

E a nova ainda por cima, oferecia ao leitor incauto os seguintes pormenores:

Primeiro: — “Indiscutivelmente é a maior Anaconda abatida até hoje. Jamais outra atingiu semelhante medida, tamanho e pêso. Um verdadeiro recorde que merece o prêmio do “Life” de Nova York, revista essa, que ofereceu um prêmio de 2.000 dólares a quem apresentasse uma pele de cobra de mais de 15 metros”.

Cumpre-nos esclarecer que o prêmio de 2.000 dólares fôra estabelecido pela revista “Life” a título de refôrço, ao oferecimento que, segundo dissemos em página anterior, nosso saudoso colaborador Raymond L. Ditmars fizera a quem lhe apresentasse qualquer pele de ofídio que tivesse mais de 40 pés (aproximadamente 12 metros) de comprimento. Neste caso, o Brasil teria vencido tal concurso. Mas vencido só de boca, pois a pele da cobra do forte Tabatinga jamais apareceu para documentar o singular achado. Não resta dúvida que se trata de nova forma de ufanismo...

Segundo: — Sem esclarecer quais teriam sido os instrumentos usados na tomada das medidas, nem onde, naquela inóspita e remota região, haveria encontrado balança capaz de pesar carga de algumas toneladas, acrescentava a narrativa que a “Anaconda que foi morta pelos soldados do forte Tabatinga media 40 metros de comprimento, 80 centímetros de diâmetro ou 2m.40 de circunferência e pesava 5.000 quilogramas”.

A proposito destes dados, devemos apenas registrar a notável coincidência, a absoluta superposição deles às anotações constantes da gravura que o Bazarfoto de Manaus está a distribuir, com fins naturalmente lucrativos. Gravura que, no entanto, é a reprodução exata da fotografia de que em 1935 já se utilizara o primitivo escritor de tais artigos fantasmagóricos, para documentar o achado do Minhocão da zona limítrofe com a Colômbia.

E' o caso de raciocinar-se como o caipira: até parece que a Sucurí, depois de morta perto da Colômbia, ressuscitou na fronteira da Guiana. . . E nessa violenta revivescência, transferiu o forte Tabatinga, do Solimões para o Oiapoque . . .

Mas, para dizermos a verdade, surgiu entre os dados relativos ao novo Minhocão a noção da circunferência, que seria de 2m.40.

Infelizmente, nem sequer neste ponto se mostrou original o último articulista; limitou-se a multiplicar por 3 o diâmetro antes indicado ($0,80 \times 3 = 2,40$) como faz qualquer leigo, e logo se satisfez do ponto que acrescentou.

A segunda Sucurijú pouco ficaria a dever ao Minhocão do forte Tabatinga que, segundo vimos, deve ser a rediviva, da fronteira colombiana.

A propósito ainda reza a notícia: “em 1945, na confluência do

rio Negro, foi morta uma que media 33 metros. E não era das maiores". Nem teria sido a última a ilustrar esses "contos da Sucurí".

A terceira Sucurujuba dar-nos-ia afinal a chave para o definitivo esclarecimento do relato do jornal, que a propósito escreveu:

"Em 1945, um grupo de tiradores de borracha, nas proximidades do rio Xingú, já em sua parte alta, mataram outra Anaconda que media 33 metros e cuja pele está em exposição no Museu de Belém, para onde foi levada".

Animado por essa achega, assim oportuna como preciosa, pusemo-nos logo a campo em busca de elucidação. Lembrámo-nos então que de retorno à Paulicéia se encontrava O. M. de Oliveira Pinto, diretor do Departamento de Zoologia dêste Estado.

Êste nosso velho amigo e colega, estivera no ano passado na Amazônia, onde mais uma vez visitara o Museu de Belém (Museu Goeldi). Inquirido sobre se por lá tivera notícia da tal Anaconda de 33 metros, respondeu-nos — e autorizou-nos a tornar pública esta sua declaração — que em Belém não viu nem soube jamais ter sido exposta tal pele preciosa e descomunal. E acrescentou que o acontecimento seria de tamanha magnitude, que seus ecos não cessariam pelos anos afora.

Não satisfeito, ainda com essa informação, tratámos de escrever ao diretor do Museu Emílio Goeldi. E dêle recebêmos a resposta de cujo conteúdo reproduzimos a seguir a parte que interessa ao caso vertente:

"Andou com muito acêrto o amigo em não dar crédito à história dessa Anaconda de 33 metros, cuja pele estaria aqui no Museu, em exposição. Lenda, pura lenda. Aliás, é bom que não se perca de vista que a Amazônia é o reino das cobras-grandes. Não foram os cientistas, de certo, que a fizeram assim, mas os poetas, os romancistas, numa palavra, os literatos. Agora é tarde: a reputação está feita.

Devo dizer-lhe que até hoje a maior cobra que vi — uma Anaconda — media 9 metros. Entretanto, existem maiores, pois o dr. Godofredo Hagmann, cujo nome não lhe deve ser desconhecido, antigo chefe da secção de Zoologia do Museu, colaborador de Goeldi, disse-nos que chegara a ver uma Anaconda de 12 metros e meio. Essas cobras de porte gigantesco já só se encontram nos altos rios".

"Mas se não existem, ou pelo menos nunca foram constatadas por pessoa de absoluto crédito, de indiscutível idoneidade, essas cobras imensas, nem por isso os jornais e revistas deixam de publicar vez por outra o seu aparecimento. Há pouco, um de nossos periódicos estampou uma dessas histórias mirabolantes de uma cobra ultra-descomunal, se posso dizer assim, ilustrando o

conto com a fotografia da mesma. Junto-lhe aqui essa fotografia com todas as características do *monstro*. Interessado na questão, escrevi imediatamente a pessoas da localidade, pedindo confirmação. Até hoje não obtive resposta afirmativa. Alguns me escreveram, mas sempre no sistema do “ouvi dizer” e do “contaram-me”...

“E’ essa, meu caro amigo, a história que sempre acontece em casos semelhantes. Dê suas ordens e sobre qualquer coisa que deseje pode escrever-me, enviando-me as cartas registradas.

Afetuosamente, subscreve-se Machado Coelho”.

A fotografia a que se refere o diretor do Museu Goeldi no 3.º parágrafo dessa carta, é a mesma que foi por nós comentada em passo anterior deste trabalho. Fotografia com que, devemos repeti-lo, se pretendeu documentar a Sucuri de 30 metros e de 2 toneladas, que teria sido morta na fronteira do Brasil com a Colômbia e a Sucuri de 40 metros e de 5 toneladas que soldados do forte Tabatinga haveriam abatido na nossa divisa com a Guiana Francesa . . .

SUCURIS DO SUL

Se lá pela amazônia os surtos da imaginação popular, sob o influxo da grandiosidade ambiente e da calidez do clima, de quando em quando criam essas histórias de Sucuriús de 30 ou 40 metros de comprimento, cá para o sul, guardadas as proporções impostas pela modéstia da Natureza e pela frieza do meio, também costumam surgir narrativas de Sucurís, cujas dimensões, tomadas a palmo no momento da captura, passam a metros ao se espalharem as notícias.

E’ o que, por exemplo, ainda recentemente (naquele mesmo ano de 1945, quando surgiu no rio Xingú a tal Anaconda, de 33 metros) aconteceu em Rinópolis, Estado de São Paulo, onde se teria encontrado outra Sucuri avantajada.

Intrigado pela notícia e movido pelo mais sadio espírito de curiosidade científica, o diretor do nosso Departamento de Zoologia dirigiu-se em ofício datado de 27 de Dezembro de 1945, ao prefeito municipal de Rinópolis, nos seguintes termos que estamos autorizado a divulgar:

“Acabo de ler nos jornais (cf. . . .), com o interêsse que me impõe a qualidade de zoologista e diretor do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura, desta Capital, a noticia de que pescadores desse município capturaram, ou melhor mataram, um exemplar de Sucuri medindo 15 metros.

Admitindo que terá havido engano nesta medida, visto que até hoje não registam os livros indivíduos daquela espécie com mais de 12 ou 13 metros, tomo a liberdade de solicitar a v. s. o obséquio

de verificar na medida do possível a exatidão dos dados publicados pela imprensa.

Estou certo de que não se furtará v. s. a prestar-nos os esclarecimentos que estiverem ao seu alcance, pois estará assim contribuindo para elucidar um assunto científico que tem sido sempre objeto das maiores discussões” etc.

Não demorou a resposta do prefeito municipal rinopolitano:

“Por um lamentável engano, foi divulgada na imprensa de um jornal do interior uma notícia falsa, que breve será retificada em parte; com respeito à Sucuri, essa foi realmente morta, por alguns pescadores, não me constando que a mesma medisse 15 metros, como se noticiou, mas sim com 15 palmos; que provavelmente foi engano da imprensa”, etc.

E têm aí os elementos de sobra com que formar juízo sobre o empolgante assunto.

CONCLUSÃO GERAL

A luz de fatos positivos e comprovados, pode-se afirmar ser de 12 a 13 (talvez 14) metros o comprimento máximo que atinge a Sucurijú ou Anaconda.

Aliás, êsses “contos da Sucuri” lembram aquela história que o caboclo imaginoso, das selvas verdejantes da Amazônia, teria contado ao cabeça-chata, chegado das caatingas ressequidas do Nordeste, sobre o tamanho de uma onça por aquele recém-morta. Segundo a história do caboclo, a onça, medida por ele, teria 40 palmos, da extremidade do focinho à ponta do rabo. Desconfiado e esperto, o nordestino pede ao caboclo que indique sobre o corrimão de uma escada, lançado em reta, o comprimento do tal bicho. Vai o caboclo e começa a medir, contando os palmos; e, quando chega aos 20 palmos dá pelo exagêro da medida. Sem dar parte de fraco, exclama: Eta, onça danada de grande! . . .

E assim se reduzem as proporções das Sucurius gigantes.

O pior, todavia, é que, a par do fantasmagórico dessas narrativas, se põe a descoberto o jejum dos narradores. E ainda por cima, sofre a Biomatemática com o pasmante exagêro das medidas; sofre a Biologia com as referências a “barbatanas” no Minhocão. Sobre a Geografia nacional com a translocação do Forte Tabatinga do extremo oeste para o extremo nordeste da Amazônia, passando do Solimões para o Oiapoque. Sofre por fim e sobretudo a própria verdade com os ataques impiedosos e sucessivos que lhe desferem os inventores de tais contos.